

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

AMÉRICA LATINA:
5 SÉCULOS DE DOMINAÇÃO

Neste julho realiza-se, na diocese de Duque de Caxias, o 7º Encontro Intereclesial de CEBs. Duque de Caxias é diocese vizinha e, de certa forma, filha da diocese de Nova Iguaçu. Estamos situados na Baixada Fluminense, por isso o 7º Encontro é uma festa eclesial da Baixada Fluminense, anfitriã e participante. Muitos olhos do mundo estão, nestes dias, voltados para nós. Isso é bom, para que o mundo veja a situação desumana em que vive este povo. E se indigne! O tema do 7º Encontro de CEBs é: *Povo de Deus na América Latina a caminho da libertação*. A Baixada Fluminense é a verdadeira concentração de tudo ruim, que foi imposto aos povos da América Latina.

Preparam-se comemorações para a festa dos 500 anos de evangelização da América Latina. Mais talvez do que aleluias, a data pede exame de consciência. Em geral, em nosso Continente, o Evangelho não foi oferecido à liberdade, mas impingido, a ferro e fogo, como sistema de dominação, em cima de povos anteriormente livres e naturalmente mais próximos aos valores evangélicos do que os cristãos que aqui catequizaram. Mais do que 5 séculos de evangelização, foram 5 séculos de dominação, que começa agora a ser descoberta, reconhecida e penitenciada, pelos cristãos que se reúnem em suas comunidades de pobres a caminho da libertação. Um dos subsídios preparatórios para o 7º Encontro descreve resumidamente a história de nossa América Latina: "O cronista espanhol Pedro de Cieza de León escreveu o seguinte, sobre a sociedade dos incas: "Sabemos de muitos lugares onde não havia originalmente rebanhos, mas onde tem havido abundância, desde que foram subjugados pelos incas; e outros onde anteriormente não havia milho, mas agora existem grandes colheitas. Mas onde quer que os espanhóis tenham passado, é como se tivesse havido um incêndio, destruindo tudo em seu caminho". Esse texto nos dá uma idéia da maneira como se realizou a colonização em nosso Continente e nos leva a perguntar: por que a conquista do Novo Mundo se deu de forma tão violenta e destruidora? Se o Continente era habitado, organizado, como se deu a penetração de outros povos e com que objetivos? No século XVI, o Velho mundo começa a passar por grandes mudanças. As lutas sociais e políticas vão impondo o sis-

tema capitalista de produção. Alguns países, pelo acúmulo de riquezas, na maioria das vezes roubadas, vão se adiantando no domínio técnico-industrial e precisam de matéria-prima para continuar se desenvolvendo. Por isso, fazem grandes investimentos na exploração de áreas aonde não havia chegado o desenvolvimento industrial.

Inicialmente, Portugal e Espanha se lançam às aventuras marítimas, em busca de novos caminhos. Logo, porém, são seguidos por França, Holanda e Inglaterra, que lutam pelos mesmos espaços, em busca de ouro, prata, vegetais, sedas, madeira, mão-de-obra. Todos eles realizam verdadeiros saques sobre os povos das novas terras que vão sendo por eles conhecidas. Após 3 séculos de exploração colonial, a dominação continuou em nosso Continente com o imperialismo europeu e norte-americano, que dura até nossos dias. O período colonial se caracterizou pela exploração das riquezas naturais, pela destruição das culturas nativas e pela escravidão, tanto dos índios como dos negros.

A Igreja Católica desse período aprovou as conquistas de Portugal e Espanha e, em geral, não percebeu que se tratava de exploração e dominação. Poucas vezes se levantaram em defesa dos índios e, menos ainda, em favor dos negros. No período imperialista, a América Latina continuou dependendo dos países desenvolvidos, embora dividida em nações aparentemente livres no nível político. As classes populares, formadas pelos índios, negros e mestiços, ficam à margem do poder político, exercido sempre pelos antigos colonizadores ou por seus descendentes e aliados, e se vêem cada vez mais empobrecidas.

As classes dirigentes, comprometidas com a política internacional de ampliação do domínio capitalista, crescem em poder e riqueza. São donos de vastas extensões de terra, senhores do café, possuidores de minas, grandes exportadores de nossos produtos e riquezas naturais. Após a 2ª Guerra Mundial, os Estados Unidos se tornam a grande potência do mundo capitalista e, juntamente com o Japão e o Mercado Comum Europeu, passam a determinar a forma de exploração da América Latina. Os investimentos capitalistas continuam, a dominação cultural se intensifica e cresce a ingerência nos assuntos políticos e econômicos do nosso Continente". (F.L.T.)

IMAGEM
DE AMOR
PROFUNDO

1. Dona Maria, oitenta e três anos, chega ao pé do altar. Vai receber o Senhor. Antigamente eu comungava de joelho, mas agora eu só comungo de pé. E a figurinha suave, humilde, pequena e simples vai-se aproximando etérea da Sagrada Comunhão. Eu quero bem a Jesus, tanto, que não posso mais, ó meu Senhor e meu Deus. Vai andando a curtos passos, olhos baixos, concentrada para o encontro de Amor. Sou feliz de receber Jesus, primeiro na mão e depois no coração. E dona Maria, a pura, alto voa, de feliz.

2. A Hóstia Santa recebe no coração de criança. Agora posso morrer em paz, ó Senhor, meu Deus. Concentrada, volta ao banco, onde retoma o diálogo, doce, terna empolgação de Amor, sublime primado. Eu vos amo, meu Jesus. Mas será que vós me amais? Por que duvidas, Maria, que teu nome recebeste de Maria, minha Mãe? Eu te quero muito bem, eu acompanho os teus passos com Amor e com carinho, minha doce, minha amada, entre espinhos lírio casto. Será, Jesus, que falais? Ou será minha vaidade? Põe-se a chorar, duvidosa.

3. Jesus espera um pouquinho, até que as lágrimas parem. Minha filha, foi difícil aceitar a comunhão, em vez da boca, na mão? A bem dizer, meu Jesus, eu estava acostumada, de modo que não aceitei tomar-vos na minha mão. Mas isto foi no princípio. Uns dias depois pensei: estas mãos cheias de calos, mãos sofridas, mãos doridas, bem mereciam pegar o corpo do meu Senhor, meu Jesus Sacramentado. Mas eu pego, com respeito e com toda devoção, o pão que desceu do céu, o pão que dá vida ao mundo. E cala-se, de Amor embriagada. (A.H.)

LINHAS PASTORAIS

COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO NA CEB

Lucas tenta exprimir a vida dos primeiros cristãos, dizendo: "Eram perseverantes na doutrina dos Apóstolos, na comunhão, na fração do pão e na oração" (Atos 2,42). Numa formulação feliz resume os traços característicos de uma comunidade cristã. Todos importantes. Todos necessários. Todos interligados. De sorte que não se pode cortar nenhum nem isolar nenhum em relação aos outros.

• Os primeiros cristãos viviam em comunhão que só podia ser uma comunhão fraterna, como Jesus mesmo tinha ensinado (cf. Mt 05/07, o Sermão da Montanha; Mt

23,8-12). Todos se sentiam irmãos e partilhavam tudo entre si. Como irmãos (cf. Atos 4,32-36).

• Tanto assim que avançavam na expressão do amor fraterno até a posse comum de bens:

• "Os fiéis viviam todos unidos e tinham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam tudo entre os demais, conforme a necessidade de cada um". (Atos 2,44-45).

• Pouco depois Lucas volta a frisar: "Ora, a multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma. Ninguém considera-


va exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum. Com grande poder os apóstolos davam o testemunho da ressurreição do Senhor e todos tinham grande aceitação. Não havia entre eles necessitado algum. De fato, os que possuíam terrenos ou casas, vendendo-os, traziam os valores das vendas e os depunham aos pés dos apóstolos. Distribuíam-se então, a cada um, segundo a sua necessidade" (Atos 4,32-35).

• As comunidades cristãs da Igreja primitiva continuam servindo de exemplo e modelo para a Igreja de todos os tempos, por isto também para as nossas CEBs. (A.H.)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista; * = indica que se pode usar outro texto.
Cânticos: Missa CRISTO LAVRADOR, Gildes Bezerra-Amaury Vieira; Ed. Paulinas.
(Criar clima de festa. Se possível, posters do Papa, do bispo...).

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

 (Dois grupos se revezam no refrão: um propõe, outro responde).
De onde vens, ó caminheiro? —
Vim dos campos, do sertão. Pra onde vais, ó companheiro? — Vou querer ganhar meu pão!

1. Este chão é teu lugar, não precisas mais seguir. Temos paz para te dar, temos chão pra repartir.
2. Sou bem pobre e nada tenho que não caiba no olhar. Amor trago de onde venho, nessas mãos pra trabalhar...
3. Caminheiro sem fadiga, somos pau da mesma cruz. Somos grão da mesma espiga, peregrinos de Jesus.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

P. Amém!

S. A graça de Deus, que enviou seu Anjo para libertar Pedro da prisão, esteja conosco.
P. Graças damos ao Senhor Deus para sempre!

S. O amor de Jesus Cristo, que levou Paulo à conversão, nos leve a cumprir nossa missão no mundo.

P. (canta): Ao ver tantos problemas humanos, que o mundo e a Igreja têm que enfrentar, eu quero oferecer minha vida, ser útil, descobrir meu lugar.

S. Que o Espírito Santo de Deus desça sobre nós, iluminando-nos e fortalecendo a nossa fé, a exemplo do que fez com Pedro e Paulo.
P. Vem, Espírito Santo, vem! Vem iluminar!

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. Celebramos a festa de São Pedro e São Paulo. Eles se sentiram chamados para serem Apóstolos de Cristo, levando aos homens a mensagem de libertação. A Libertação vem para todo aquele que segue os ensinamentos de Cristo, divulgando sua mensagem de Justiça, Amor e Paz. Dois nomes que, através dos séculos, são lembrados com carinho e respeito por todos os cristãos. Eis os Santos que plantaram a Igreja, regando-a com seu sangue.

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, Pedro e Paulo são exemplos de conversão e amor a Cristo. Sofreram todo tipo de violência por sua fidelidade àquele que seguiam. Peça-nos perdão a Deus, pelas vezes que desanimamos e buscamos outros caminhos para encontrar o Cristo. Confessemos nossos pecados, para celebrarmos dignamente estes santos mistérios. (Pausa para reflexão de vida):

S. Senhor, que oferecestes o perdão a Pedro arrependido, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós!

S. Cristo, que prometestes o paraíso ao bom ladrão, tende piedade de nós.

P. Cristo, tende piedade de nós!

S. Senhor, que destes aos Apóstolos o vosso Espírito para a remissão dos pecados, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós!

S. Deus todo-poderoso, tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

P. Amém!

5 GLÓRIA

Glória a Deus no céu e na terra paz aos homens. Glória, aleluia!

1. Glória ao Pai, o Criador, seu poder nos chamou à vida!
2. Glória ao Filho, o Redentor, sua Cruz reconciliou-nos!
3. Glória ao Espírito de Amor, sua Graça é que nos renova!

6 COLETA

S. Ó Deus, que hoje nos concedeis a alegria de festejar São Pedro e São Paulo, concedei à vossa Igreja seguir em tudo os ensinamentos destes Apóstolos, que nos deram as primícias da fé. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA



C. Pedro, no cumprimento da missão de Apóstolo, é levado ao cárcere por ordem de Herodes. Não perde a fé, e o Senhor vem em seu socorro, libertando-o da prisão.

Leitura dos Atos dos Apóstolos (12,1-11): "Naquele tempo, o rei Herodes começou a maltratar alguns membros da Igreja. Mandou matar à espada Tiago, irmão de João. Vendo que isso agradava aos judeus, mandou prender também a Pedro. Era nos dias dos pães Ázimos. Deteve-o e lançou-o no cárcere, entregando-o à guarda de quatro piquetes, de quatro soldados cada um; depois da Páscoa tencionava apresentá-lo ao povo. Enquanto Pedro estava na prisão, a Igreja não cessava de fazer orações a Deus por ele. Ora, na noite em que Herodes estava para apresentá-lo, Pedro dormia entre dois soldados, preso com duas correntes e, diante da porta, sentinelas vigiavam a prisão. De repente, o Anjo do Senhor apareceu e a cela foi inundada de luz. O anjo tocou o lado de Pedro e despertou-o dizendo: "Levanta-te! Depressa!" E caíram-lhe das mãos as cadeias. O Anjo lhe disse: "Cinge-te e amarra as sandálias". Foi o que ele fez. Acrescentou: "Joga o teu manto sobre os ombros e segue-me". Pedro saiu e seguia-o, mas não sabia que era realidade o que acontecia por meio do Anjo; julgava ter uma visão. Franquearam, assim, o primeiro posto da guarda, depois o segundo, e chegaram ao portão de ferro que dá para a cidade. Ele se abriu por si mesmo diante deles. Saíram e passaram por uma rua, quando subitamente o Anjo desapareceu. Então Pedro, tornando a si, disse: "Agora sei em verdade que o Senhor enviou o Seu

Anjo e me livrou das mãos de Herodes e da expectativa do povo judeu". — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

(Sl. 33)

C. A oração do povo em favor de Pedro encontrou eco na ação do Senhor. Que o nosso canto chegue até ao Senhor como uma oração de louvor:

Vinde e vede como Deus é bom, porque Ele é nossa redenção. Vinte e vede como Deus é bom, porque nos deu a libertação.

Sl. 1. Vou bendizer o Senhor em todo tempo / seu louvor estará sempre nos meus lábios; / eu me glorio todo dia no Senhor: / que os pobres ouçam e fiquem alegres.

2. Engrandecei ao Senhor comigo / juntos exaltemos o seu nome. / Procurei ao Senhor e ele me atendeu / e dos meus temores todos me livrou.

3. Contemplai-o e estareis radiantes / vosso rosto não ficará envergonhado. / Este pobre gritou e o Senhor o ouviu / salvando-o de suas angústias todas.

4. O anjo do Senhor acampa / ao redor dos que o temem e os liberta. / Provai e vede como o Senhor é bom / feliz o homem que nele se abriga.

9 SEGUNDA LEITURA

C. Na carta a Timóteo, Paulo mostra: O que importa é vivermos segundo os ensinamentos de Cristo, e crer que Ele nos libertará de toda a injustiça e opressão.

Leitura da 2ª Carta de São Paulo a Timóteo (4,6-8.17-18): "Caríssimo, quanto a mim, já fui oferecido em liberação e chegou o tempo de minha partida. Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Desde já me está reservada a coroa da justiça, que me dará o Senhor, justo Juiz, naquele Dia; e não somente a mim, mas a todos que tiverem esperado com amor a sua aparição. Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças, a fim de que, por mim, a mensagem fosse plenamente proclamada e ouvida por todas as nações. E eu fui libertado da boca do leão. O Senhor me libertará de toda obra maligna e me levará salvo para o seu Reino celeste. A ele a glória pelos séculos dos séculos! Amém!" — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

10 CANTO DE ACLAMAÇÃO



1. Vamos todos bendizer: ALÉ, ALÉ! Jesus Cristo vai falar: LUIÁ, LUIÁ! A Palavra de viver: ALÉ, ALÉ! E que vai nos transformar: LUIÁ! LUIÁ!

2. Cristo quer um coração: AÇÃO! AÇÃO! Onde o amor possa morar: ORAR! ORAR! E que saiba perdoar: DOAR! DOAR! Sem fingir ou reclamar: AMAR! AMAR!

3. Aleluia! Aleluia! LUIÁ, LUIÁ! (4x)

11 EVANGELHO

C. Frase da autoridade: — "Sabe com quem você está falando?" Frase da humildade: — "Quem dizem os homens que Eu sou?" Frase do Apóstolo: "Tu és o Messias, o Filho de Deus!" Resposta do Messias: — "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja!"

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus (16,13-19).

P. Glória a vós, Senhor!

S. "Naquele tempo, chegando Jesus ao território de Cesaréia de Filipe, perguntou aos discípulos: "Quem os homens dizem ser o Filho do Homem?" Disseram: "Uns afirmam que é João Batista, outros que é Elias, outros ainda que é Jeremias ou um dos profetas". Então lhes perguntou: "E vós, quem dizeis que sou?" Simão Pedro, respondendo, disse: "Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo". Jesus respondeu-lhe: "Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isto, e sim o meu Pai que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do Inferno nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus". Palavra da Salvação. — P. Louvor a vós, ó Cristo!

12 PREGAÇÃO — PARTILHA

13 PROFISSÃO DE FÉ

S. Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso.
P. Criador do céu e da terra / de todas as coisas visíveis e invisíveis. / Creio em um só Senhor, Jesus Cristo / Filho Unigênito de Deus / nascido do Pai antes de todos os séculos / Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro / gerado, não criado, consubstancial ao Pai. / Por Ele todas as coisas foram feitas. / E por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus: / e se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem. / Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; / padeceu e foi sepultado. / Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras, / e subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai. / E de novo há de vir, em sua glória, / para julgar os vivos e os mortos: / e o seu reino não terá fim. Creio no Espírito Santo, / Senhor que dá a vida, / e procede do Pai e do Filho; / e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: / Ele que falou pelos profetas. / Creio na Igreja, uma, santa, católica e apostólica. / Professo um só batismo para remissão dos pecados. / E espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir. Amém.

14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Celebrando a memória dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, pedras fundamentais da Igreja de Cristo, peçamos a Deus que ouça nossas preces e nos faça seguir o exemplo dos Apóstolos:

L1. Pela santa Igreja de Deus, para que, construída sobre o fundamento dos Apóstolos

los Pedro e Paulo, possa cumprir com fidelidade e coragem sua missão apostólica, reze-mos ao Senhor:

P. Senhor, escutai a nossa prece!

L2. Pelo Papa, para que, no exercício do primado e no modo de amar os cordeiros e as ovelhas do Senhor, possa ser sempre reconhecido como o sucessor de Pedro, reze-mos ao Senhor:

L3. Pelos cristãos perseguidos, para que, lembrando-se do amor e da morte de Pedro e Paulo, possam gozar e exultar, quando sofrerem ultrajes por Jesus Cristo, reze-mos ao Senhor:

L4. Pela nossa comunidade, para que seja sempre animada pelo amor e a fidelidade ao Papa e ao Colégio dos Bispos, reze-mos ao Senhor:

(Outras intenções da comunidade...).

S. Senhor, guardai o povo que vos busca de todo coração; dai-lhe, por intercessão dos Santos Pedro e Paulo, fidelidade, coragem e vivo senso da unidade. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DAS OFERTAS

Este pão já foi semente que a gente lá na roça semeou para que possa ter comida quem semeia. Pra que Deus agora faça desta massa o pão da ceia!

1. Nossas mãos cheias de calos da enxada que puxamos representam o trabalho que agora ofertamos.

2. Ofertamos nossos frutos e também o coração, para o Cristo, que alimenta, fazer deles outro Pão.

3. Ofertamos nosso amor e a dor que faz chorar. Pois o pranto é a melhor chuva pro amor frutificar.

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS

S. Oraí, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor, por suas mãos, este sacrifício / para honra do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja!

S. Ó Deus, que as orações de vossos apóstolos acompanhe as oferendas que vos apresentamos para serem consagradas. Que ela nos leve a celebrar este sacrifício com o coração voltado para vós. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!

17 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

(Prefácio próprio. No fim):

P. (canta): O Senhor é Santo, o Senhor é Santo, o Senhor é santo!

1. O Senhor é nosso Deus, o Senhor é nosso Pai, que o seu Reino de Amor se estenda sobre a terra!
2. Bendito o que vem em nome do Senhor!

Hosana! Hosana! Hosana! (bis)

(A Oração Eucarística compete somente ao sacerdote. No fim):

S. Eis o Mistério da Fé:

P. Todas as vezes que comemos deste Pão e bebemos deste Cálice, anunciamos, Senhor, a vossa morte, enquanto esperamos a vossa vinda!

18 CANTO DA COMUNHÃO

1. Somos todos roceiros da roça do Pai e posseiros das terras deixadas pra nós. Vamos todos fazer a partilha, irmão, entre todas famílias sem terra e sem pão.

Vamos plantar mais um pouco de amor de caboclo e fazer mutirão. Pra começar nós já temos semente que é Cristo, é Jesus com-munhão.

2. Se um dia a tarefa pesar como a cruz, ou nos ombros da gente ou nos ombros do irmão. Vamos todos pedir reforço a Jesus, que Ele vem ajudar se houver união.

19 AÇÃO DE GRAÇAS

S. Oremos: Concedei-nos, Ó Deus, por esta Eucaristia, viver de tal modo na vossa Igreja que, perseverando na fração do pão e na doutrina dos apóstolos, e enraizados no vosso amor, sejamos um só coração e uma só alma. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

RITO FINAL

* 20 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade):

C. De Cristo e de Pedro, o Papa recebeu a missão de proteger, guiar e reunir a Igreja. É na obediência e na comunhão com o Santo Padre, o Papa, que vencemos o risco da divisão e da destruição.

P. (canta): A bênção, João de Deus! A bênção, João de Deus, nosso povo te abraça. Tu vens em missão de paz! Sê bem-vindo e abençoa este povo que te ama! A bênção, João de Deus!

C. O espírito de união vai estar presente também para acolhermos as centenas de irmãos de todo o Brasil que, nestes dias, estarão conosco aqui na Baixada, para partilharmos nossa fé e nossa certeza de que a libertação está próxima. O 7º Encontro Intereclesial de CEBs, na Diocese-irmã de Duque de Caxias, é sinal vivo da Igreja-Povo de Deus, que caminha unida na justiça e na fraternidade.

21 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. A bênção do Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre nós e permaneça para sempre.

P. Amém!

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe.

P. Amém!

22 CANTO DE SAÍDA

1. Caminheiro, companheiro, este caminho é mesmo estreito, ele foi feito bem agreste e nele o Mestre caminhou entre pó, poeira e espinho, entre pedras do caminho. E de todos caminheiros foi o primeiro que chegou.

Caminheiro, companheiro ponha o pé nesta estrada. Se ficar na encruzilhada nunca vai poder chegar.

2. Caminheiro, companheiro, leve a luz que alumia. Mais que o sol do meio dia, / pra você não tropeçar. Leve junto a família, companheiros e amigos, pois em caso de perigo, todos podem se ajudar.

LEITURAS PARA A SEMANA:

2ª-feira: (São Tomé) Ef 2,19-22; Sl 117; Jo 20,24-29; 3ª-feira: Gn 19,15-29; Sl 26; Mt 8,23-27. / 4ª-feira: Gn 21,5.8-20; Sl 34; Mt 8,28-34. / 5ª-feira: Gn 22,1-19; Sl 116; Mt 9,1-8. / 6ª-feira: Gn 23,1-4.19—24,1-8. 10b.62-67; Sl 106; Mt 9,9-13. / Sábado: Gn 27,1-5.15-19; Sl 135; Mt 9,14-17. / Domingo: Is 66,10-14c; Sl 66; Gl 6,14-18; Lc 10,1-12.17-20.

MISSÕES AMBULANTES, DESOBRIGAS E MALAGRIDAS

Valéria Rezende

Desde o começo da colonização, houve no Brasil missionários que não se fixavam num lugar, num aldeamento, mas que percorriam longos caminhos, pregando missões nos aldeamentos indígenas, nos engenhos e fazendas, ou nas vilas do interior. A maioria dos padres da colônia não queria viver nos lugares pobres ou afastados, mas preferia o conforto das cidades do litoral, entre os portugueses ricos. Eram poucos os verdadeiros missionários e muitos deles ocupados nos aldeamentos, dos quais eram responsáveis.

Grande parte da população ficava, assim, sem assistência religiosa, sem a pregação e os sacramentos, durante quase todo o ano. Praticavam as devoções que podiam, sem a presença do padre, e as novenas, promessas e procissões acabam tendo mais importância, para eles, do que a Eucaristia e os sacramentos. Para atender a toda essa população, é que se faziam as missões ambulantes. Era no momento da missão que se fazia a "desobriga". A "desobriga" consistia em ajeitar a situação daqueles que estavam vivendo de maneira irregular para um católico, por causa

da falta de padres. Era o momento em que se faziam os casamentos religiosos dos que já estivessem vivendo juntos, batizavam-se as crianças e escravos, e todos tinham que cumprir a obrigação da confissão anual e da comunhão.

Quem se recusasse a receber os sacramentos obrigatórios, durante a missão, era castigado como criminoso. Os missionários tentavam também impor a moral católica, sobre os costumes bastante relaxados da população colonial. As pregações, várias por dia, chegavam a durar muitas horas, o que era comum naquele tempo. Alguns desses missionários peregrinos partiam sozinhos e procuravam sobretudo as aldeias indígenas, para converter. Mas a maioria deles ia aos engenhos, fazendas e vilas, convidados pelas autoridades e pelos senhores brancos, que desejavam a ajuda do missionário, para melhor controlar e sujeitar seus escravos e empregados. Esses pregadores eram hospedados nas casas dos poderosos do lugar e recebiam deles favores e pagamento pelo seu trabalho e pregação. Durante séculos e até nossos dias, para mui-

tos brasileiros, essa foi a única forma de pastoral que a igreja pôde oferecer. Seu objetivo, na prática, era apenas de tentar moralizar os costumes e fazer cumprir as leis da Igreja. Com o fracasso dos aldeamentos missionários, com a expulsão dos jesuítas e de outros religiosos, as missões ambulantes tornaram-se a forma principal de ação missionária. Entre missionários ambulantes dos tempos coloniais, houve alguns que tinham grande amor pelo povo e pelo Evangelho, e por eles arriscavam a vida.

Esses missionários consideravam suas caminhadas como uma romaria de penitência e andavam sempre a pé ou de canoa pelos rios, sozinhos, ou com um ou dois companheiros e, às vezes, apenas na companhia de um cão. Embora os caminhos fossem longos e duros, eles nunca se deixavam carregar nas redes, como faziam os demais colonos. Conforme a recomendação do Pe. Anchieta, achavam que "o pastor é que deve carregar as ovelhas, e nunca as ovelhas carregarem o pastor". Muitos deles perderam a vida nessas viagens, mortos pelos índios ou por acidentes e doenças.

VIVER EM CRISTO

SÃO PEDRO E SÃO PAULO

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

Os santos apóstolos São Pedro e São Paulo são chamados "as duas colunas da Igreja". Poderíamos dizer também que os dois apóstolos revelam de maneira expressiva as duas faces da Igreja: a institucional e a carismática.

Pedro e Paulo nunca se encontram separados. Onde está um está o outro. Se a festa de todos os apóstolos celebrada em nível de Festa pela Igreja comemora sempre o mistério da própria Igreja, com maior vigor a solenidade de São Pedro e São Paulo. Aliás, cada um deles possui uma segunda comemoração em nível de Festa. Para São Pedro, o dia 22 de fevereiro, a festa da Cátedra e para São Paulo, o dia 25 de janeiro, a festa de sua Conversão.

No Prefácio da solenidade se proclama: "Pedro, o primeiro a proclamar a fé, fundou a

Igreja primitiva sobre a herança de Israel. Paulo anunciou a vossa doutrina, manifestando às nações o Evangelho da salvação".

Duas figuras tão diferentes, que no entanto se uniram no testemunho de Cristo até à morte. Pedro, o homem volúvel e frágil, mas ao mesmo tempo decidido, é objeto de uma atenção especial por parte de Cristo. Homem corajoso e decidido, que confessa sua fé em Cristo, está disposto a acompanhá-lo em sua paixão, caminha sobre as águas, quer defender o seu Mestre, mas ao mesmo tempo, tão frágil, a ponto de trair o seu Mestre, negando conhecê-lo por três vezes. Mas é sobre esta fragilidade fundamentada na fé, que Cristo quer edificar a sua Igreja.

Paulo, homem zeloso, que passou de perseguidor fanático da Igreja a apóstolo totalmente dedicado à pregação do Evangelho. Temperamento forte e difícil, afirma ter rea-

lizado mais que todos os outros apóstolos juntos, mas não ele, e sim a graça de Deus nele. Cresce no amor de Cristo, a ponto de poder dizer: "Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim".

Pedro representa mais o aspecto institucional da Igreja, o magistério, a autoridade. Paulo revela mais o aspecto carismático e missionário.

Através da história, a Igreja sempre pendeu mais para um ou para outro aspecto de sua vida. Aliás, existem na Igreja as pessoas que exercem mais a função petrina e outras mais a função paulina. As duas facetas, verificamo-las também em cada cristão. Ora a gente acentua Pedro, ora Paulo. O ideal é a síntese, pois Pedro foi o primeiro a aceitar os gentios na Igreja e Paulo também precisou de alguma organização nas Comunidades eclesiais que fundou.

EM MUITOS, FICOU O DESEJO DE DEUS

Carlos Mesters

Quase todos os grandes profetas lutaram contra os (falsos) profetas, que usavam a profecia para legitimar a política errada e opressora do rei: Elias (1Rs 18,19), Oséias (Os 4,5s), Miquéias (Mq 3,5-8; 3,11), Sofonias (Sf 3,4), Ezequiel (Ez 12,24; 13,1-23), Jeremias (Jr 23,9-32; 28,1-17 etc.). Por isso, às vezes, anunciavam que, no futuro, não ia haver mais nenhuma profecia (Is 29,9-11; Am 8,11-12; Ez 7,26; Mq 3,6). Outras vezes, diziam que, no fim, toda profecia ia ser verdadeira e que não haveria mais profecia de mentira (Ez 12,24). Essa prevenção contra os profetas foi criando, aos poucos, uma mentalidade, segundo a qual a profecia era vista como motivo de vergonha e de suspeita para quem a recebia. O profeta já não tinha coragem de assumir a sua condição e disfarçava os sinais pelos quais poderia ser reconhecido como profeta: "Não sou profeta, sou um homem que trabalha a terra!" (Zc 13,5-6; cf. Zc 13,2-6; Am 7,14).

Devido a essa mesma prevenção contra os profetas, já não era permitido dizer: "Carga de Javé!" (Jr 23,36). Carga de Javé era o mesmo que *Oráculo de Javé* ou *Palavra de Javé*. Com outras palavras, não era permitido alguém proclamar que estava recebendo uma Palavra nova de Deus. Assim se evitava

que um fulano qualquer pudesse impor-se aos outros em nome de Deus. Mas era permitido perguntar: "O que Javé respondeu?" ou "O que falou Javé?" (Jr 23,35.37). Isto é, só se permitia repetir as Palavras antigas de Deus, pronunciadas no passado e transmitidas nos círculos e grupos dos discípulos dos profetas. Por isso, falava-se dos "antigos profetas" (Zc 1,4; 7,7; cf. Ez 38,17). Assim, ao menos, era possível verificar a veracidade do que se dizia em nome de Deus.

A desgraça, o trauma do exílio, foi grande demais. Na memória do povo, ficou um pavor de tudo aquilo que, de uma ou de outra maneira, poderia desestabilizar novamente a vida e provocar uma desgraça igual à do exílio. Por isso, foram à procura de uma norma mais estável e mais segura, que não ficasse na dependência de oráculos imprevisíveis e de profecias incontroláveis. A norma encontrada foi a Lei que, desde Neemias e Esdras, começou a ser a nova base da organização da vida do povo. A ambivalência, de certo modo, faz parte da profecia. A profecia é algo que irrompe e não se submete a critérios previamente fixados. É livre! A sua fonte é a experiência de Deus. Aqui, nesta fonte, está, ao mesmo tempo, o fundamento da sua autoridade e a origem de sua

ambivalência. Pois Deus não pode ser controlado nem pelo profeta verdadeiro nem pelo falso.

Aqui também está a raiz do drama do profeta verdadeiro. Ele não é dono de Deus nem tem o monopólio da Palavra de Deus. Ele não pode evitar que os outros usem o Nome de Deus para outras finalidades. Para impedir que a profecia fosse usada para fins contrários à Aliança e para ajudar o povo no discernimento dos espíritos, os próprios profetas foram elaborando alguns critérios bem práticos, conservados até hoje na Bíblia (Dt 18,21-22; 13,2-6; Jr 28,9; cf. Mt 11,4-5). O exílio provocou uma crise de fé, como nunca antes na história do povo. Desintegraram-se a "cristandade" deles! Os fatos políticos quebraram aquela síntese tão forte, feita com os tijolos da monarquia e da profecia, destruíram a casa e o povo ficou ao relento, sem proteção.

Uma parte do povo achava que já não valia a pena insistir nas coisas de Deus. "Deus nos abandonou!", assim diziam (Is 49,14; 40,27; 54,8; Sl 44,10-13). Esses deixaram tudo e pegaram outro rumo. Era o ateísmo prático dos que desistiram de procurar uma saída dentro da fé. Eles diziam: "Deus não existe!" (Sl 14,1).